

O instante e a função do analista

Carmen Franco

A ética e o Real

Falar sobre a Ética do Real pode parecer sem sentido, já que o Real é esse registro impossível, um buraco, um impasse na simbolização. O Real é como uma enunciação performativa em sentido contrário, implicando um apontamento para aquilo que não pode ser nomeado, pois quando tentamos dizer o que é o Real, já não o é, no entanto, o Real continua existindo, e é através do simbólico e do imaginário que sua operação pode ser entendida.

A gente pode falar sobre o simbólico que envolve a ética, isto é, as leis morais e a Lei com letra maiúscula. De acordo com Alenka Zupančič, a lei moral é uma enunciação sem enunciado, algo que foi inscrito no ICC, e não sabemos desde quando (2010). Por outro lado, a oposição à lei moral, como Lacan aponta em "Kant com Sade", seria outra lei moral, quando o bem supremo coincide com o mau diabólico (1993).

Considerando que o objeto da ética em si mesmo não é bom nem mau, poderia coincidir com o registro do Real, bem como com o ato psicanalítico ou com o evento para Badiou, o qual ele afirma ser uma ruptura do campo da certeza de uma situação, pois com ele surge uma verdade que não havia sido manifestada pelo saber da própria situação (1998). O encontro com o evento pode ser um momento de terror, pois confronta o sujeito com uma escolha impossível de evitar. O acontecimento sempre se localiza em um conjunto, se diferencia do fato, pois este se apresenta em situações naturais ou neutras, enquanto o acontecimento aparece em um lugar reconhecível, mas requer certo grau de separação em relação à situação, porque a situação, diante da multiplicidade de possibilidades, não poderia fornecer uma organização integral para a escolha. Em outras palavras, é uma quebra do campo do saber de uma situação, pois com o

acontecimento emerge uma verdade não considerada pelo saber da própria situação. É por isso, em grande parte, que Alenka Zupančič o equipara ao Real.

O acontecimento e sua relação com o ato analítico

Para Zupančič, o acontecimento está relacionado com o Real, pois se precipita, não tem sujeito, ou seja, não há uma vontade de sujeito que o queira, simplesmente acontece. Agora bem, o ato analítico tem a ver com a responsabilidade subjetiva a partir do simbólico, isto quer dizer que não se trata simplesmente de ações, mas sim de que, pelo fato de estarem atravessadas pelo simbólico, essas decisões têm consequências que marcam um antes e um depois. Com isso, nos dirigimos inevitavelmente à parte ética da responsabilidade do sujeito. Tomar uma decisão, dizer simplesmente sim ou não a tal ou qual proposta, ou fazer coisas, terá a ver com um ato. Se o sujeito se torna responsável, se não for assim, será o que a Vida, o Destino, a Sorte, Deus, esses grandes Outros, lhe reservarem. É importante dizer que essa responsabilidade só será post-facto, como diz Harari (2000), já que o tempo do inconsciente sempre será retrospectivo em futuro anterior ou antefuturo, o "ter sido". Enquanto ao ato analítico, como diz Lacan, "designa uma forma, uma envoltura, uma estrutura tal, que de alguma forma suspende tudo o que está instituído até agora" (2003). Levando em consideração essas ideias, mesmo que o analista "não faça nada", não se deve eliminar o ato. A psicanálise como um todo é um ato que muda o rumo do sujeito, sua vida, promove uma negociação do desejo com o gozo, está sem dúvida ligada ao simbólico, já que sempre se manifesta esse saber sem sujeito, esse saber não sabido.

O instante e sua relação com o ato analítico

Chega a vez do instante, esse átomo da eternidade, segundo Kierkegaard. De acordo com Rosario Herrera, o instante é o tempo do inconsciente, pois é o único tempo possível para o surgimento de um Real. Como é inviável localizar um ponto fixo no tempo, o instante não pode ser situado, mas sim o seu passar pelo sujeito, daí que nossa divisão em presente, passado e futuro seja toda uma invenção imaginária.

O instante é onde o tempo e a eternidade se encontram. Pode ser (apenas por razões didáticas, para exemplificar) um átomo do Real, que evoca o objeto a minúsculo, porque o instante alude ao ato. Citando Pommier, o instante "não é um ato efêmero: significa o momento em que um sujeito apreende o que sempre soube de seu saber inconsciente" (1987). É aí que o ser surge, nessa síntese de tempo e espaço, que também desaparece rapidamente. Com isso, entende-se que o ato de encerrar a sessão de análise pode fazer irromper o instante, algo que morre no momento de seu nascimento e que dá origem à poética do inconsciente, que combina ética e estética, como propõe Herrera (2008). É nesse momento que o sujeito encontra sua falta e está sozinho, se libertou do Amo, aí pode decidir, criando uma marca de um antes e um depois, desde a simplicidade até mudar o rumo de sua vida, nessa circunstância surge uma ética, porque seu desejo irreverente está presente. O instante em que a poesia, a aletheia, a verdade do desejo do sujeito surge efetivamente, onde a poiesis é gerada.

Em certo sentido, o instante, o acontecimento, o ato analítico se entrelaçam como precursores do Real, aquilo que é indizível e paradoxalmente, uma vez que ocorre, se perde e sempre escapa à simbolização.

Aqui surgiria a pergunta: é papel do analista direcionar seus esforços para que o acontecimento ocorra? Para responder, precisamos levar em conta que a ética da psicanálise não é a do bem supremo do sujeito, não é a de nenhuma moral de nenhum sonho burguês, como

dizia Lacan, não é a da interpretação, que geralmente é a visão oracular do Amo, é a ética do desejo.

Diante do questionamento lacaniano "Você agiu de acordo com o desejo que o habita?" (2003), devemos considerar o desejo como uma defesa contra o gozo. Esse desejo que deve ser dito, mesmo que para isso seja necessário dar muitas voltas que parecem inúteis, para passar das resistências e da repressão, para a surpresa de seu dizer. É lá onde aparece a verdade com sua estrutura de ficção, para reconhecer e talvez reconquistar alguma parte dessa terra estrangeira interna, através de fazê-la passar pelos significantes. Em algum momento da análise, o sujeito se confrontará com o indizível, que é a rocha viva da castração, e que em retrospecto só terá levado o sujeito por outros caminhos do significante, agora responsabilizando-se por suas decisões.

Para que o desejo surja, o analista, com seu ato de não fazer nada e deixar o sujeito falar, permite que o acontecimento ocorra. Ele não busca o acontecimento, simplesmente ao não fazer nada, o instante do ato pode acontecer a qualquer momento. É nesse momento em que o sujeito se encontra sozinho diante de seu desejo e não há possibilidade de ajuda, ele quem deve decidir. Pode ser o momento em que o sujeito se surpreende com sua própria palavra, e somente se houver movimento e mudança, terá sido um ato. Psicanaliticamente falando, não há ato inocente, todo ato implica consequências éticas, uma vez que um novo ordenamento significante aparece, desafiando a Lei ou as leis.

BIBLIOGRAFÍA

- Badiou, Alan. (1998). Introducción. *El ser y el acontecimiento*. <https://red.pucp.edu.pe/wp-content/uploads/biblioteca/090205.pdf>
- Lacan, Jacques. (2003). La Ética del Psicoanálisis. *El Seminario 7*. Buenos Aires: Paidós.

- ----- (1967). El Acto Psicoanalítico. *El Seminario 15*, versión libre, trad. Rodríguez Ponte, Ricardo. <https://www.dropbox.com/s/s59y1mbztlge78m/Seminario%2015%20-%20El%20acto%20anal%C3%ADtico.pdf?dl=0>
- ----- (1993). Kant con Sade. *Escritos 2*, Ciudad de México: Siglo XXI.
- Harari, Roberto. (2000). *¿Qué sucede en el acto analítico?* Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Herrera, Rosario. (2008). *Poética del Psicoanálisis*. Ciudad de México: Siglo XXI.
- Pommier, Gerard. (1987). *Freud ¿apolítico?* Buenos Aires: Nueva Visión.